

# PM reprime protesto

Escolas foram ocupadas por 200 soldados.

DF Ceilândia

CIDA

## de alunos da Ceilândia

Professores denunciam "desmandos" na FEDF

Duzentos soldados da PM ocuparam, ontem, as 23 escolas pertencentes ao Complexo Escolar A, da Ceilândia, para evitar as manifestações contra as demissões dos professores Erasto Fortes Mendonça, diretor do Complexo, e José Geraldo Ferreira, diretor da Escola-Classe 05. Mesmo assim todo este aparato colocado à disposição da diretora interina, Alda Lima, não foi suficiente para impedir que cerca de 2 mil alunos, 500 professores e muitos pais organizassem o protesto, que se estendeu por toda a manhã, nas portas do gabinete da diretoria.

A crise entre o Complexo A e a Fundação Educacional, que culminou com estas demissões, foi gerada logo no início da distribuição de alimentos aos irmãos dos alunos carentes, pelo Projeto Irmãozinho. O diretor da Escola-Classe 05 atrasou o cadastramento em sua escola alegando que antes queria discutir o programa com a comunidade pois, segundo ele, o projeto tinha um caráter paternalista e seria usado para propaganda do PMDB. Foi demitido pelo diretor executivo da FEDF, José Quintas, que afirmou não admitir insubordinação. Com isso, desencadeou-se uma série de manifestações a favor da readmissão de José Geraldo, apoiadas pelos outros diretores do Complexo, inclusive Erasto Mendonça, exonerado na quarta-feira.

Como os diretores das outras escolas apresentaram documento à Fundação, no qual afirmam que não cumprirão a orientação da diretora Alda Lima, que eles chamam de "interventora", a crise tende a agravar-se. Alda, após muita insistência do **CORREIO BRAZILIENSE**, resolveu dar entrevista e abriu as portas do seu gabinete que estava sendo guardado por policiais.

Nervosa, explicava que havia pedido reforço policial porque tinha que preservar as condições de trabalho da equipe que serve ao Complexo e, também, devido aos abusos que alguns alunos cometeram no dia anterior quando, segundo ela, furaram pneus de carros. "Estou num processo de interinidade aqui pois o Complexo é uma máquina que não pode ficar acéfala", disse. Ela acha natural as manifestações de revolta contra as demissões e não quis adiantar o que faria com os diretores

que não seguissem sua orientação. "A Fundação é que decidirá".

"O arbitrio que está ocorrendo aqui não acontecia nem na época do general Médici", declarou Erasto Mendonça, o diretor demitido. Segundo ele, o diretor executivo da Fundação, José Quintas, "deve ter as costas muito quentes para fazer o que está fazendo". Mendonça atribui sua demissão e a de José Geraldo a questões políticas. "Eleitoreiras, para ser mais preciso. Não interessam a elas escolas que desenvolvem a consciência crítica da comunidade, promovendo a integração com as associações, igrejas, sindicatos, grupos jovens etc., tocando em assuntos como a reforma agrária e violência no campo. interessa uma escola crítica".

Vicente Jorge, assessor de Mendonça, afirma que o trabalho que vinha sendo realizado pelo Complexo estava num nível tal "que mais de 10 por cento dos aprovados no concurso da Fundação saíram da Escola Normal, que é ligada a nós, e estão dando um show nas salas de aula". Para ele, embora a integração com a comunidade fosse retrizada da própria Fundação, "não há dúvidas de que este é o principal motivo para as perseguições".

### RAÇÃO

Enquanto os professores davam estas declarações, os alunos e pais gritavam palavras de ordem e exibiam cartazes. Uma aluna subiu na cadeira e repetiu várias vezes ao microfone que "é hora de abrir os olhos para esse pessoal que se diz democrático e pratica demagogia, distribuindo ração mensal para os pobres, quando deveriam cuidar de nossa educação". Com o que concordava Maria das Mercês Ferreira, mãe de um dos alunos da Escola Normal. "Nossos filhos agora são obrigados a comer um quilo de ração por mês, coisa que não dá para alimentar nem meu cachorro".

Segundo ela, muitos pais perderam um dia de trabalho, para votar na escolha do diretor, "que, agora, eles tiram sem motivo, só para bagunçar as escolas e os alunos ficarem com medo de entrar aqui, com tanto policial". A mesma coisa foi referida por Sonia Janzon, professora do Centro de Ensino 03 e da Escola Normal. Ela ostentava uma tarja negra na blusa, como muitas outras pes-

soas, e criticava seus superiores na Fundação, dizendo que "o que estão fazendo são arbitrariedades atribuídas (que quer dizer humor negro). Nunca fomos tão manipulados como agora".

Devido ao fato de os manifestantes estarem sendo empurrados pelos policiais, para que se mantivessem fora da área do Complexo, a diretoria da Escola Normal, Lúcia Magalhães, tomou a palavra e pediu que eles não ultrapassassem os limites. "Ficando aí, vocês estão a Mercê das mãos da poícia". Os estudantes responderam que não sairiam pois "o espaço é nosso".

"O confronto está declarado. Foi erro deles pensar que com estas demissões os outros ficariam quietos", ressaltou José Geraldo Ferreira, demitido da direção da Escola-Classe 05. Para ele, a diretoria que tomou estas medidas quer transformar a Fundação num "reduto do PMDB" e denunciou que houve 800 contratações para cargos administrativos, sendo que os critérios usados foram os de filiação partidária. "É uma contradição que existe. No começo do ano, quando o Fábio Bruno ainda era diretor-executivo da Fundação recebemos uma circular que nos orientava no sentido de não adotarmos medidas assistencialistas ou paternalistas, evitando tais programas, que são de efeitos efêmeros. Agora, sou demitido justamente por questionar tais programas".

### COMPLEXO C

Além do Complexo Escolar A, outro que está em conflito com a Fundação Educacional é o Complexo C. O diretor Adalberto Duarte de Oliveira abriu fogo contra a FEDF e também está ameaçado de exoneração. "Nós não entregaremos nossos cargos. Nem eu nem nenhum diretor do Complexo C. Só os entregaremos se for para os alunos. Esses homens discutem nossa situação nos partidos políticos aos quais pertencem", refutou ele, garantindo que as escolas de seu Complexo apoiam a luta pela readmissão dos dois diretores.

O protesto, que paralizou as aulas de muitas escolas da Ceilândia ontem, deverá se estender também hoje. Os alunos e professores asseguram não arrefecer até que suas reivindicações sejam atendidas.